

“Dois Contos por Mês”

poesia de Alexandre O'Neill

“Dois Contos por Mês” é um recital de poesia onde a partir de leituras encenadas, o público viaja na Literatura, pela voz do Grupo Artistas Unidos e do actor João Meireles.

Este recital integrado na Cerimónia de Entrega dos Prémios do VIII Concurso de Poesia *Agostinho Gomes* é uma oportunidade privilegiada para ouvir poesia de autores portugueses, designadamente de Alexandre O'Neill.

Promovido em colaboração com a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas (Ministério da Cultura, esta acção de promoção da leitura inscreve-se no Programa de Acções de Promoção da Leitura (Itinerâncias Culturais) e está também associado ao Plano Nacional de Leitura, lançado pelo Governo em 2006.

Os Artistas Unidos formaram-se a partir de um grupo que se estreou, em 1995, e ao longo do tempo têm desenvolvido peças de teatro e acções de promoção da leitura em parceria com as Bibliotecas Municipais.



JOÃO MEIRELES tem o curso do Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral. Estreou-se no Teatro Universitário de Évora onde trabalhou com Luís Varela, Fernando Mora Ramos, Manuel Borralho. Trabalhou depois com Ávila Costa (Cantina Velha), Adolfo Gutkin (Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral) Aldona Skiba-Lickel, Marina Albuquerque, Carlo Damasco, José António Pires e Camélia Michel Com o Pogo Teatro colabora desde 1995 em *Complexo Titanic* (encenação de Ruy Otero), *Sent, Mainstream, Play Pause* e nos vídeos *Handicap, Naif, Road Movie e Zap Splat*. No cinema participou em *António, Um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo e *A Drogaria* de Elsa Bruxelles.

Alexandre O'Neill



Poeta português, descendente de irlandeses e nascido em Lisboa. Autodidacta, fez os estudos liceais, frequentou a Escola Náutica, trabalhou na Previdência, no ramo dos seguros, nas bibliotecas itinerantes da Fundação Gulbenkian, e foi técnico de publicidade. Por volta de 1948, fundou com o poeta Cesariny, com José-Augusto França, António Pedro e Vespeira o Grupo Surrealista de Lisboa.

A poesia de Alexandre O'Neill concilia uma atitude de vanguarda (surrealismo e experiências próximas do concretismo) — que se manifesta no carácter lúdico do seu jogo com as palavras, no seu bestiário, que evidencia o lado surreal do real, ou nos típicos «inventários» surrealistas — com a influência da tradição literária (de autores como Nicolau Tolentino e o abade de Jazente, por exemplo). Os seus textos caracterizam-se por uma intensa sátira a Portugal e aos portugueses, destruindo a imagem de um proletariado heróico criada pelo neo-realismo, a que contrapõe a vida mesquinha, a dor do quotidiano, vista no entanto sem dramatismos, ironicamente, numa alternância entre a constatação do absurdo da vida e o humor como única forma de se lhe opor. Temas como a solidão, o amor, o sonho, a passagem do tempo ou a morte, conduzem ao medo e/ou à revolta, de que o homem só poderá libertar-se através do humor, contrabalançado por vezes por um tom discretamente sentimental, revelador de um certo desespero perante o marasmo do país — «meu remorso, meu remorso de todos nós».

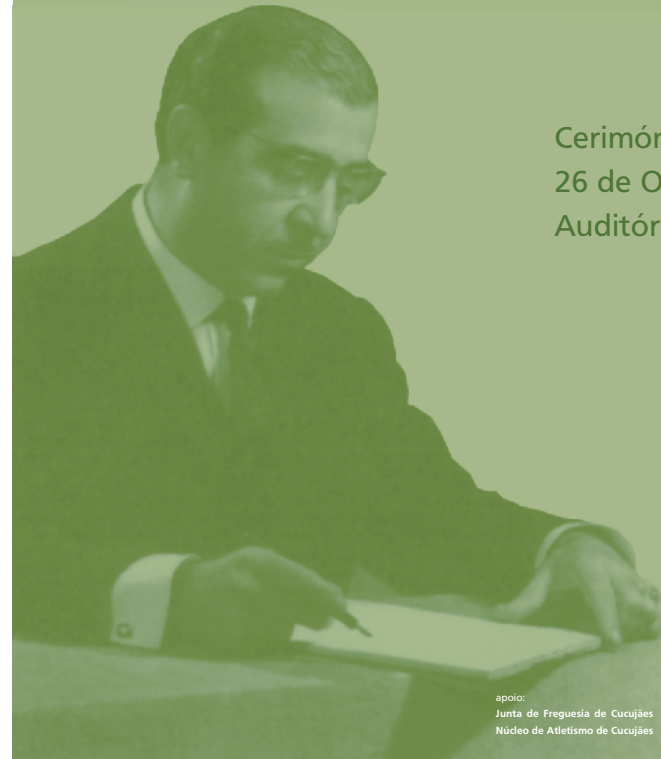
Auto-retrato

O'Neill (Alexandre), moreno português, cabelo asa de corvo; da angústia da cara, nariguete que sobrepuja de través a ferida desdenhosa e não cicatrizada. Se a visagem de tal sujeito é o que vês (omita-se o olho triste e a testa iluminada) o retrato moral também tem os seus quês (aqui, uma pequena frase censurada...) No amor? No amor crê (ou não fosse ele O'Neill!) e tem a veledade de o saber fazer (pois amor não há feito) das maneiras mil que são a semovente estátua do prazer. Mas sobre a ternura, bebe de mais e ri-se do que neste soneto sobre si mesmo disse...



8 concurso de poesia

AGOSTINHO GOMES



Cerimónia de Entrega de Prémios
26 de Outubro de 2007 | 21h30m
Auditório da Junta de Freguesia
de Oliveira de Azeméis

apoio:
Junta de Freguesia de Cucujães
Núcleo de Atletismo de Cucujães

biblioteca oliveira de azeméis

Azeméis
é cultura

1º Lugar

Nome: Rui Miguel Silva Santos
Pseudónimo: miguel inox
Marinha Grande

Um Quarto

A vida são três quartos de nada, e um quarto onde cabe tudo
Como sozinho
Sobre a toalha
Conto as migalhas do pão
Conto as colheres de sopa
Conto um conto
Conto mulheres sem roupa

A sopa cola-se à colher
A colher à boca
A sopa à barba
A colher à língua
A vida às coisas
As coisas a tudo

A que me sabe?
Não sei a que me sabe
Acho que lhe perdi o sabor

Na última colher, a carne
Sabe pela vida
Retorno, venho a mim
Fugiu a velha que acabrunha
Já sei onde estou e onde habito,
Já sei o meu nome e alcunha
A sopa tem três quartos de legumes e um quarto de carne

2º Lugar

Nome: Joaquim Jorge da Silva Carvalho
Pseudónimo: Mário Aveiro
Coimbra

Zero

O zero é uma invenção da matemática:
A regra dos Algarismos é contarem presenças
Coisas, factos, evidências, seres, ganhos, metros
Minutos, horas, dias, meses, anos, séculos –
Mas o zero é isto tudo ausente, o zero
É nada.

Os sábios precisaram do zero para nomear
O que não há, não está, não vive, não importa
E chamaram às operações que dão rigorosamente zero
Contas certas.

O zero está no princípio e no fim dos números
(Ao princípio não era o verbo, era o zero)
E zeros excessivos à frente e atrás
Podem ser a guerra ou podem ser a paz
(Fortunas espantosas ou falências vergonhosas).

Soube desta invenção do zero pela wikipédia
Mas só a percebi verdadeiramente naquela manhã
Quando meu pai morreu, à revelia da primavera
E eu, antes de chorar, recordei a infância, a praia
De mira, o futebol no corredor da casa velha
O after-shave económico, a sua barba rija
O óleo dos carros e a hipocrisia encantadora
Com que enganava a minha pobre mãe.

A morte, pai. Tu nunca mais. Zero
A conta talvez certa.

3º Lugar

Nome: Andréa Cristina Francisco
Pseudónimo: Andréa Muroní
Brasil

RABIOLA

“Gosto de usar saias longas
em dias de ventania
para sentir o vento brincando entre as minhas pernas

Nada mais dança entre as minhas pernas:
nem as estrelas, nem os pássaros e nem as nuvens

Só o vento
O vento e o mar
Mas a dança do mar é violenta
e sinto-me abarcada com ela
Gosto mesmo é da dança do vento
brincando com as minhas saias
por entre as minhas pernas

Nada mais dança entre as minhas pernas:
nem as estrelas, nem os pássaros, nem as nuvens”

Prémio Revelação Juvenil

Nome: Ricardo Manuel Luz da Silva
Pseudónimo: Utópico
Corroios

PELOS OLHOS DOS MENINOS

Pelos olhos dos meninos
passam barquinhos de esperança
feitos de espuma e papel.
Passa o sol, a maresia
e a gaivota de alegria
que o poeta traz na pele.

Pelos olhos dos meninos
passa a floresta triste
com seus ramos calcinados.
Passa este povo sem pão,
que vive só de ilusão,
e de sonhos adiados.

Pelos olhos dos meninos,
filhos de homens sem infância,
passa a dor da incerteza
se haverá um dia novo
que traga o sol para o povo
tapar o frio da tristeza.

Pelos olhos dos meninos
só deviam passar flores
e crianças de mãos dadas,
nunca a dor que a guerra traz
e a branca pomba da paz
com as suas asas quebradas.

8 concurso
de poesia
AGOSTINHO GOMES